



Notas da Direção Técnica do MAR

(Luís Mota Figueira)

OS MUSEUS, A EDUCAÇÃO E AS ARTES E OFÍCIOS

“Artes e Ofícios do Bunho no Museu Agrícola de Riachos”

Elaboradas no âmbito da Visita ao MAR integrada na *Receção aos Professores do Concelho de Torres Novas* (8 de setembro de 2022) - Pelouro da Educação



Introdução

Antes de mais, o agradecimento devido pelo Convite que a Presidência e Vereação, nomeadamente do Pelouro da Educação, endereçaram ao MAR. Numa perspetiva de colaboração educativa e formativa sentimo-nos honrados com a confiança depositada no trabalho que a Equipa MAR tem vindo a desenvolver com as Escolas nas suas diversas formas de ação, quer públicas, quer privadas. O sentido da inclusão social pelo Conhecimento é o centro de uma estrutura binária muito simples.

Nesta estruturação e de um lado, contamos com um acervo museológico sobre a ruralidade da região deste Ribatejo específico localizado entre Lezíria e Bairro, que nos elucida sobre a cultura vernacular (conhecimento tácito) patente nas coleções e conjunto museográfico. Do outro lado da estrutura, contamos com a cultura académica (conhecimento explícito) que, plasmada em intervenções escolares abrangendo todos os ciclos de estudo do sistema educativo se harmoniza sob o objetivo comum da Educação.

A junção virtuosa destes eixos no domínio da Educação e da Formação, incorpora os valores que tentamos integrar no quotidiano do museu. Aquando do desenho do Projeto Museológico do MAR (1994) ficou claro que a triangulação resultante da ação das Pessoas, atuando no Território abrangido pela nossa ação direta (bem como em ações de extensão regional, europeia e internacional) era sustentada mediante a participação das Organizações associadas a tal projeto museológico e museográfico. O saldo é positivo.

Anotações para uma integração educativa

A Escola e a Família são duas das grandes organizações que, no domínio do tal trabalho binário (reunindo o conhecimento popular com o conhecimento científico e sua transmissão para a comunidade envolvente) se posicionavam como fatores críticos para o sucesso do nosso projeto. Acresce que todas as Pessoas contam na dinamização do trabalho que o MAR vem empreendendo desde a sua criação (1989).

Tendo sido Formador pelo Centro de Formação de Professores, de Torres Novas, a convite do então Diretor, Professor José Tomé, e tendo desempenhado essas funções de formação centradas no tema do «Património» num sentido lato, nomeadamente no domínio da Conservação e Restauro apresento com todo o gosto profissional e de amizade o que, tendo ficado impressionado nessa ocasião partilho, neste momento carregado do que foram os últimos anos de atividade uma reflexão pessoal, a propósito.

Sem ser exaustivo e responsabilizando-me apenas a mim, anoto alguns pontos de interesse que me parecem ser oportunos, especialmente para os Colegas Professores menos familiarizados com o nosso museu. As figuras pretendem tornar visível parte das anotações conforme segue:

1. Seguimos uma orientação determinada desde 1989 (fundação do MAR), reorganizada desde 1994 (projeto museológico do MAR) e reforçada desde 2021 com a criação de um Núcleo de Estudos (NEstMAR), coordenado pelo também Professor Carlos Simões Nuno, a Professora Célia Barroca, o Mestre José Manuel Martins, a Licenciada Mafalda Luz, Técnica do MAR e Presidente da Associação e eu próprio. A abertura a mais pessoas que pretendam integrar esta nova estrutura é total.
2. Nesta lógica e na qualidade de Docente do Instituto Politécnico de Tomar nessa época de viragem de século foi possível observar-se o entusiasmo pelo trabalho colaborativo que, depreendo do que vou acompanhando, tem crescido nos últimos anos. Na qualidade de Diretor Técnico do MAR é justo salientar a ajuda de muitos Colegas professores com a natural referência à Professora Isabel Serrano que, comigo, desenhou os primeiros passos dos nossos Serviços Educativos e apoiou a teimosia de instalarmos as Oficinas Pedagógicas bem como, mas tarde, a Galeria das Artes.
3. Os Fundadores do MAR são constantemente lembrados porque foi o seu trabalho pioneiro que nos permitiu fazer crescer este Museu de Comunidade. Os Serviços Educativos nos últimos anos apuraram procedimentos que se devem ao trabalho desenvolvido pela Técnica Superior do MAR, Mafalda Luz em perfeita sintonia comigo e com todos quantos têm intervenção direta e indireta em Educação e Formação em sede de natureza museológica.
4. Como se poderá observar o trabalho colaborativo tem sido a chave de sucesso de uma ideia de ruralidade que combina, de modo muito singular, a tradição da ruralidade que nos caracteriza com a vida contemporânea e, se assim quisermos, com uma nova vivência da ruralidade num mundo economicamente globalizado.
5. Os Serviços Educativos prestam serviço público de grande valia não apenas pela participação em projetos externos, mas, igualmente, com a integração das diversas frentes de animação cultural, nomeadamente pelo Grupo de Boieiros e pelo Grupo

- de Camponesas, bem como pelo NAR- Núcleo de Artes de Riachos e sob reforço do NEstMAR- Núcleo de Estudos do Museu Agrícola de Riachos.
6. O recente criado CDJLS – Centro de Documentação Joaquim Lopes Santana pretende representar um eixo de compilação e estudo de materiais com o objetivo de se realizar uma abordagem contínua tanto em termos didático-museológicos (demonstrações de aspetos da ruralidade riachense) quanto pedagógicos trocando diálogo com o universo escolar de todos os ciclos de estudo.
 7. Liderado pela Direção Técnica o convite, permanente, à apresentação de projetos em parceria tem uma agenda aberta e contínua. Esta agenda, quando ativada, aproxima o MAR da ESCOLA e, naturalmente dos Profissionais, dos Estudantes e Funcionários escolares e das Famílias que se envolvem em cada situação.
 8. Sabemos que a relação do ser humano com a natureza que o acolhe manifesta-se através do uso dos materiais que encontra e que utiliza segundo necessidades socialmente sentidas que determinam objetivos de produção consequentes com aquelas. Os materiais naturais são indicadores do engenho e arte humanos e desde as sociedades pré-históricas e pré-clássicas que os testemunhos ainda passíveis de abordagem através de técnicas etnoarqueológicas ilustram uma caminhada longa e profícua. Atualmente, a crise ambiental e sanitária obrigam-nos a repensarmos o nosso modelo de crescimento económico e como quereremos avançar para um desenvolvimento social mais justo entre todos nós, mas, essencialmente, para com a natureza que nos rodeia. O organigrama do MAR tenta representar a nossa estrutura funcional no contexto da nossa missão institucional.

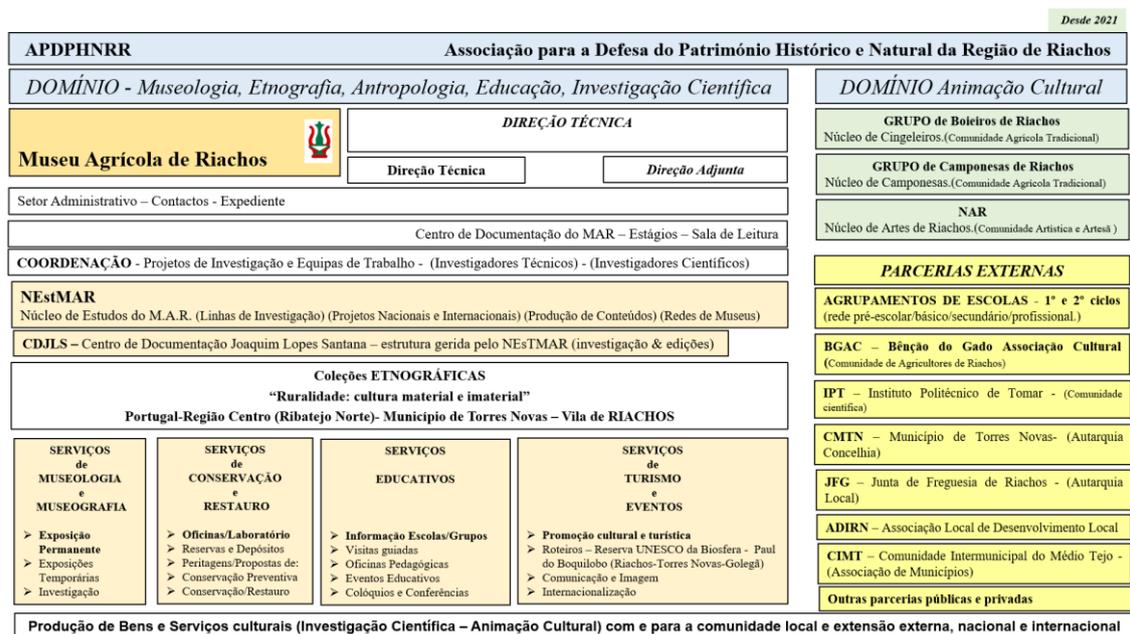


Figura – A estrutura organizativa parte do pressuposto de que a nossa **Visão** museológica se sustenta em prestação de Serviços que, por sua vez atendem, necessariamente, aos níveis de públicos no conjunto “Iniciação – Divulgação – Aprofundamento – Investigação” como **Missão** central. Em consonância com a aprendizagem e seus **Valores**, trabalhamos a nível pré-escolar e de ensino básico, atendemos à aprendizagem complexa seguinte, de nível secundário, reforçamos a aprendizagem centrada em formação politécnica e universitária e, no topo, também promovemos a criação de novos conteúdos em domínio de investigação interdisciplinar.

O NEstMAR tem uma dimensão fundamental no que se refere ao processo de **Gestão** partilhada pretendida para o funcionamento desta estrutura museológica que a museografia adotada revela na exposição permanente, nas exposições temporárias e nas muitas e diversas atividades que outras Organizações públicas e privadas também realizam em parceria com o MAR.

Nesta elaboração considero que, o facto de, na contemporaneidade, observarmos cada vez mais a predominância das culturas híbridas, porque estão em desaparecimento as clássicas classificações que distinguem o culto dos objetos e das ideias para, em transformação iconológica se misturarem os cultos populares com as modas, com uma cultura mais visual que textual.

Encontramos, nos museus que vão resistindo a este nivelamento cultural crescente, o espaço distintivo para que cada um dos seus consumidores, como usuário, possa criar a sua própria coleção? Esta tendência está associada ao uso que fazemos das redes sociais e dos modos comunicativos das novas gerações.

Resta, nessa narrativa cultural e híbrida, o objeto único e preservado de uma manipulação material que, nesta globalização da imagem, se reproduz em fotocopiadoras, em vídeos tanto didáticos quando de jogo e entretenimento. Os recursos tecnológicos, porque não são neutros, ocupam o espaço visual que invadem sem outras preocupações que não sejam as de comunicarem com mais fiabilidade e realismo (efeitos 3D, por exemplo) obrigando o museu a entrar no «jogo».

Interessa, no caso, utilizar as novas linguagens para se trabalharem os memoriais que, livres de descarte, a sociedade decidiu preservar, mostrar como exemplo, cuidar. A coexistência da Tradição com a Modernidade é, pois, uma linha pragmática da museologia que a recente redesignação em sede do ICOMOS veio aclarar quando refere o seguinte: *“Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o património material e imaterial. Os museus, abertos ao público, acessíveis e inclusivos, fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Os museus funcionam e comunicam ética, profissionalmente e, com a participação das comunidades, e proporcionam experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimento.”*

Estamos em momento de transição nos conceitos museológicos. Tal como foi recentemente difundido por exemplo em <https://observador.pt/2022/08/25/nova-definicao-de-museu-aprovada-por-profissionais-apesar-de-lacuna-de-competencias/>, esta ideia de participação da comunidade e da partilha de experiências que sempre aconteceram neste meio ganha, agora, uma dimensão operacional plasmada na operacionalização do conceito entretanto revisitado e aprovado.

O trabalho dos Professores, Educadores e Formadores é, no âmbito das gerações mais novas, de uma oportunidade única e desafiante quando, por exemplo, o universo digital habitual dos estudantes é, por vezes (e em projetos muito interessantes propostos por Escolas) mesclados da autenticidade que o mundo real oferece quando se sente, num espaço patrimonial ou mais especificamente num museu, o cheiro do pão-fresco ou a fragância de uma flor disputando a atenção de todos Nós...

A reorganização de vínculos entre MUSEUS e ESCOLAS está em marcha e, prova disso, são as diferenciadas experiências que todas as expressões artísticas e criativas têm à sua mercê nos espaços museográficos que tiram partido das artes plásticas e artes performativas, geram narrativas que interagem com a realidade intergeracional de cada museu que se integra, de modo próprio e identidade explícita, no conceito oficial e representativo da museologia internacional.

Abordagem museológica sugerida pela CMTN nesta receção: o Bunho como tema

Em nota que partilho referi em 27 de julho ao Diretor do Departamento de Educação, Cultura e Desporto, Jorge Salgado Simões, o seguinte a partir da sua expectativa para esta receção: *“Aproveito este ensejo para desafiar-vos para o Seminário que estou preparando para no mês de novembro e em extensão da recente atividade “Roda de Conversa sobre a Ruralidade” tratarmos do tema “A Ruralidade e a transmissão dos seus Valores na Sociedade Contemporânea”. Pela acuidade da discussão sobre aspectos tão relevantes quanto o despovoamento, os designados “nómadas digitais”, as políticas públicas para a salvaguarda do património natural e cultural, etc., agiremos em linha com a Cátedra UNESCO-IPT liderada pelo Professor Luiz Oosterbeek, renovando uma tradição de colaboração do MAR com o Instituto Terra e Memória, de Mação.*

Deste modo e atendendo ao que nos foi solicitado e sugerido pelo Pelouro da Educação decidi, igualmente, tentar encontrar uma forma de exposição sobre a relevância das Artes e Ofícios num museu de comunidade como é o nosso (veja-se em <https://ria.ua.pt/handle/10773/26225> o título “*Museus de Comunidade – Manual de Apoio à Gestão*” e em <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/13479> o título “*Museus de comunidade e experiência turística, cultural e criativa: o caso do Museu Agrícola de Riachos*”) onde estes aspetos são academicamente detalhados.

Dentro desta temática das produções de cultura material e imaterial a obra “*O Museu Agrícola de Riachos: agente de educação de adultos e motor de desenvolvimento local*” disponível em livro no Centro de Documentação do MAR e indexado em <https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/registo?1915380> é, a meu ver, indispensável para se compreender a dimensão educativa do MAR e dos seus protagonistas sob o primado da Pessoa.

Nesta perspetiva, também se coloca o desafio a todos quantos queira colaborar na criação de novos Conteúdos que, em termos de educação patrimonial e cívica encontra no acervo reunido neste museu e nas suas redes tanto formais, quanto informais, atmosferas de dedicação e interesse pela coisa museológica que, a meu ver, é um indicador de desenvolvimento territorial de base comunitária.

A recente parceria com a ADIRN e a CMTN demonstra essa vertente tal como poderemos seguir em <https://www.antenalivre.pt/regiao/adirn-organizou-oficinas-da-terra-da-serra-ao-rio> (*Oficinas da Terra*), <https://www.cidadetomar.pt/2021/05/26/economia/oficina-da-natureza-mostra-novos-produtos-de-turismo-de-natureza-e-a-sua-sustentabilidade-no-territorio-do-ribatejo-norte/> (*Oficinas da Natureza*) e em http://portal2.ipt.pt/media/manager.php?src=servico&cmd=file&target=m1_MTKyNzk (*Oficinas da Tradição & da Modernidade*).

Num plano geral e informativo, estas notas de atividades de produção de conteúdos e de eventos centrado na missão do MAR, ainda que resumidas, podem constituir uma base de trabalho para quem decida associar-se ao nosso projeto museológico em curso.

Na sequência da sugestão que nos foi feita é certamente ajustado considerarmos que a temática “*A Ruralidade e a transmissão dos seus Valores na Sociedade Contemporânea*” se possa associar a esta receção. Assim, numa ideia de programação de atividades para setembro de 2022, setembro de 2023, o MAR estabelece a temática “Artes e Ofícios do Bunho no Museu Agrícola de Riachos” como ponto de partida para o Seminário de novembro.

Por exemplo, o Bunho usado como material para a produção de esteiras, de peças de mobiliário e de contentores para produtos e, igualmente, para decoração de espaços, segue a lógica milenar de aproveitamento humano dos recursos endógenos que lhe permitem sobreviver com qualidade de vida... Daremos notícia do desenvolvimento desta temática em <https://pt-pt.facebook.com/ADPHNRR>.

Natureza e Cultura unem-se numa simbiose em que as técnicas de fabrico são criadas, transmitidas e salvaguardadas, através de gerações. Consolidando-se a tradição de legado patrimonial com um forte sentido familiar cimentam-se comunidades. A história do uso do bunho é, neste sentido restrito, uma parte fundamental da cultura regional em muitos lugares em pouco por todo o mundo.

Como relata um estudo do nível “Investigação” poder-se-á aceder a mais informação na obra disponível em https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/31524/1/Projeto_VASCO_11828_Final.pdf com o título “*Modelos de valorização integrada no apoio à conservação e gestão de ecossistemas: Caso de estudo da Reserva Natural do Paul do Boquilobo*” do Mestre Vasco Lopes. Aliás a ligação entre o MAR e o IPT através do Projeto OPEXCATER, disponível em http://www.techneart.ipt.pt/pt/observatorio_parque_experimental_de_conhecimento_e_acao_territorial/, coordenado pela Professora Cecília Baptista e integrando elementos da Equipa MAR, fica expressa no seguinte texto da unidade de investigação Techn&Art:

“No passado dia 24 de junho a equipa de investigação do projeto OPEXCATER do TECHN&ART estiveram presentes no 42º aniversário da Reserva Natural do Paul do Boquilobo. A efeméride foi assinalada com diversas atividades organizadas em conjunto com a Fundação José Saramago, o IPT e TECHN&ART, o Museu Agrícola de Riachos e o ICNF e com a colaboração das Autarquias de Golegã e Torres Novas. De manhã, cerca de 20 pessoas, participaram num passeio pelos trilhos da Reserva Natural, realizado após a visualização do filme sobre a área protegida e da visita da exposição permanente patente no centro Interpretativo. De seguida, no Museu Agrícola de Riachos, desenvolveu-se um atelier sobre o bunho, demonstrando as potencialidades desta planta, frequente na Reserva Natural e ressaltando a sua importância, para a fauna, para a divulgação de técnicas artesanais utilizadas, em particular, no fabrico de esteiras, bem como para a preservação de tradições locais demonstrativas da relação e envolvimento entre as comunidades locais e RNPB. A sessão da tarde, decorrida no núcleo da Azinhaga da Fundação José Saramago, iniciou-se com o acolhimento de Ana Saramago Matos, neta de José Saramago em representação da Fundação do Nobel da Literatura e de Ana

Cristina Falcão (ICNF) . Seguidamente o Professor Luís Mota Figueira (IPT), apresentou o Projeto OPEXCATER, Observatório-Parque Experimental de Conhecimento e Ação Territorial. Este Observatório deverá ser um espaço de análise técnico-científica interdisciplinar com enfoque especial na Natureza, na Cultura e no Turismo e consistirá na criação de um espaço de partilha do conhecimento que se gera sobre a Reserva da Biosfera do Paul do Boquilobo. Seguiu-se uma apresentação, realizada pelo Eng.º Mário Antunes da ONGATEJO, na qualidade de representante da entidade que preside ao órgão de cogestão da Reserva da Biosfera do Paul do Boquilobo que apresentou uma síntese do que tem sido a experiência e evolução desta área com a chancela da UNESCO, enfatizando no seu discurso que se pretende a conservação e valorização de um espaço riquíssimo e reconhecido a nível nacional e internacional. Seguiu-se uma conferência sob o tema “O Rio da minha Aldeia”, com a moderação de Violante Saramago Matos, filha do escritor. Nesta conferência, com a participação de cerca de 40 pessoas, foram apresentadas comunicações por Fernando Faria Pereira, Técnico da RNPB, por Filipa Coelho, em representação da Associação 30por1linha e por Tiago Silva, abordando as características, valores e ameaças, do Rio Almonda da Reserva Natural do Paul do Boquilobo com especial destaque para o problema do jacinto de água. A conferência foi encerrada por Tiago Brandão Rodrigues, presidente da Comissão de Ambiente e Energia da Assembleia da República. No final da sessão foram lidos alguns extratos das obras de José Saramago com referências ao Rio Almonda e ao Paul do Boquilobo por Francisco Melrinho e Filipa Betes. Nesta evocação (longa mas necessária para quem não está familiarizado com o património natural envolvente específico, como é este caso) se centra, a meu ver, a dimensão inovadora de um museu que conta com a sua comunidade que, na cultura atual é a comunidade residente, a comunidade em diáspora mas, também, a comunidade em trânsito de que a experiência com Estudantes nacionais e internacionais mais justifica pela estreita relação do MAR com todas as ESCOLAS.

Os museus, ao recolherem, tratarem, estudarem e disseminarem informação sobre os seus acervos, prestam um serviço público relevante: colocam-se ao serviço das comunidades onde mantêm presença física, tangível, mas, ao mesmo tempo e mercê da globalização da economia mundial e conseqüente globalização tecnológica, também desenvolvem o seu trabalho no domínio intangível com aplicação da digitalização adequada a cada situação.

Ciente desta lógica de serviço à comunidade, a Direção Técnica ao tecer algumas considerações sobre o que, desde 1994, se tem vindo a tratar na dimensão educativa com base no património reunido no MAR em 1989, ano da sua inauguração, presta uma justa homenagem a todos quantos se implicaram e implicam nas suas dinâmicas.

Tirando-se partido desta oportunidade de receção aos Professores que no concelho torrejano prestam o seu serviço docente, responde-se, com a consideração devida, à solicitação do Município de Torres Novas, parceiro e proprietário das nossas instalações. O subsídio municipal para funcionamento do MAR significa apoio para mantermos a qualidade de museu aberto ao público. Antes de mais, um forte agradecimento pelo que tem sido a relação entre Escolas, Agrupamentos de Escolas, Centros de Formação e Ensino Superior Politécnico e Universitário.

Seguidamente um agradecimento ao entusiasmo de muitos Professores que têm colaborado com os nossos Serviços Educativos, com um especial apontamento para os

Professores, Professoras, Funcionários e Famílias que, na proximidade na vila e no concelho, bem como atuando em termos nacionais e internacionais têm dado sentido e qualidade de intervenção a esta estrutura interna que, no nosso organograma se revela como um campo de atividade muito relevante para os objetivos centrais do MAR.

Nesta oportunidade, segue uma saudação especial para o conjunto de Escolas, registadas em <https://educacao.cm-torresnovas.pt/index.php/toda-rede-escolar/6-rede-escolar>, AE Artur Gonçalves; AE Gil Paes; Jardim de Infância de São Pedro; Centro de Bem Estar Social da Zona Alta; CRIT – Centro de Reabilitação e Integração; Creche do Centro Social Paroquial Nossa Sra. da Purificação de Assentis; Creche do Centro Social do Divino Espírito Santo; CEPTON – Centro de Estudos Politécnicos de Torres Novas.

A abertura a estes e a novos parceiros é ampla e pretende cobrir todo o universo escolar. As solicitações, bem como as respostas dos nossos Serviços Educativos, mormente nas redes em que participa, testemunham pelo património educativo já reunido, esta faceta do trabalho que se vai desenvolvendo. Nesta lógica, a documentação que produzimos é disseminada sem custos para os utilizadores e os Estágios curriculares que foram e são proporcionados a diversas entidades, refletem essa política de gestão do conhecimento gerado para partilha em rede.

Artes e Ofícios do Bunho e vivência geral no MAR

Precisamente com esta ideia de partilha também aprendemos e agora sabemos que o termo Bunho é a designação comum aplicada a plantas herbáceas do género *Scirpus* da família das Ciperáceas. Como se lê em [https://www.infopedia.pt/\\$bunho](https://www.infopedia.pt/$bunho), “*O bunho Scirpus lacustris (Sin. Schoenoplectus lacustris), é também designado por bonho ou buinho, é constituída por plantas rizomatosas vivazes. Os caules aéreos são simples, roliços e robustos e podem atingir os 300 centímetros de altura. As folhas inferiores estão reduzidas à bainha. As flores são hermafroditas e dispõem-se em espiguetas multiflores ovoides, com glumas ovadas a obovadas e glabras na parte dorsal. Inflorescências com duas ou mais espiguetas. O comprimento da bráctea inferior da inflorescência varia entre dois e nove centímetros. Os frutos são aquénios. A Scirpus lacustris é uma espécie subcosmopolita, distribuindo-se por toda a Europa, no Japão, Turquia, entre outros países. Encontra-se nas margens de cursos de água, como rios, lagoas e fontes. Os caules são utilizados no fabrico de cadeiras, esteiras, etc. São outros exemplos de bunho a Isolepis cernua (Sin. Scirpus cernuus) - buinho-baixo ou bunho-baixo - e a Scirpoides holoschoenus (Sin. Scirpus holoschoenus).*

Nesta caracterização de natureza científica assenta a base de estudo sobre este tão relevante elemento natural que foi empregue para atividades agrícolas, nomeadamente como material para atilho de verduras, para cobertura de frutos diversos, para descando dos trabalhadores rurais e para outros usos dependentes da imaginação dos seus artesãos e dos seus utilizadores.

A tradição do bunho em Riachos confunde-se com a origem do povoado porque o ambiente natural assim o parece ter proporcionado. O “Bunhal” é uma indicação de lugar que sempre funcionou na relação das pessoas com as zonas húmidas e inundáveis onde esta plana cresce. No “Bunhal” pescava-se e caçava-se e o Sr. Manuel Madeira, Caçador

e Pescador, juntamente com a sua Esposa D.^a Lurdes são referências memoriais desse ambiente que também era associado à taberna que possuíam na margem esquerda do rio Almonda, antes da ponte construída a uns metros a jusante. Nessa taberna se comia peixe do rio e outras viandas, se convivia...

A agricultura como setor primário moldou e molda esta vila do concelho torrejano. Localizada entre a planície e o bairro as atividades das artes e ofícios da terra incluíam muitas formas de artesanato decorrente do uso dos materiais explorados pelos nossos antepassados para lhes proporcionarem uma fixação humana com futuro. Desde modo o Bunhal é um lugar mítico que alimenta a cultura local e as evocações das fortes cheias do rio Almonda, afluente do grande rio Tejo que fornecia a alimentação através do pescado e da pecuária desenhando-se, pela ação humana, uma paisagem cultural que muitos dos utensílios agrícolas expostos nas coleções do MAR indiciam.

Para o Professor que pretenda explorar didaticamente cada uma das peças e cada uma das coleções expostas, há espaço e há sentido de compromisso do MAR para com os seus públicos. Por isso, se nas Artes e Ofícios, a coleção de miniaturas do Artesão José Fonseca, um dos Fundadores deste equipamento cultural, ou a coleção sobre arquitetura vernacular com a explicação de materiais e de técnicas de construção, entre outras, despertam saberes que podem ser revelados por intervenção docente com o objetivo pedagógico inerente (e em diversas áreas do saber académico), também é certo que o projeto museológico e museográfico do MAR ganhou novo impulso com estudos nele centrados.

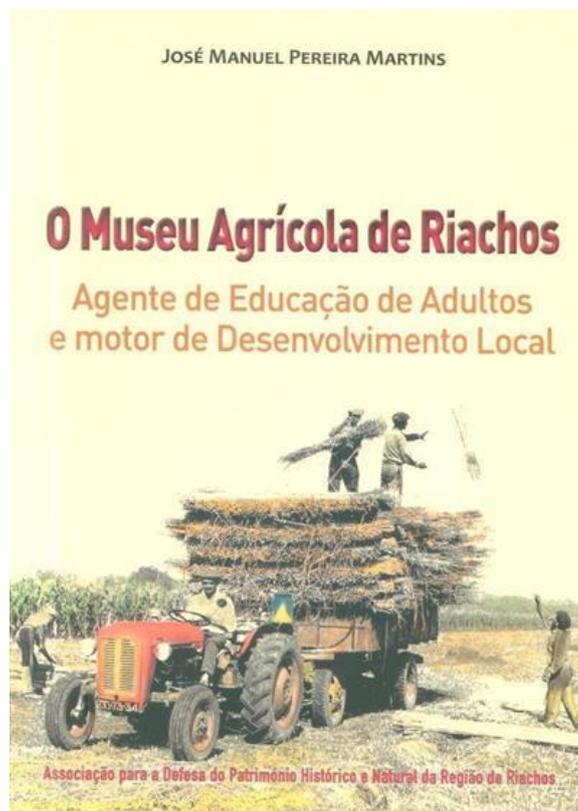


Figura – Livro publicado pela Associação do Investigador Mestre José Manuel Martins. <https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/registo?1915380> (2015)

Mais recentemente, sob a coordenação do Investigador Mestre Carlos Simões Nuno e outros membros é possível realizar ainda mais trabalho a este nível científico. O convite a alguns Professores que queiram colaborar connosco fica feito. No enlace normal destas atividades o Grupo de Boieiros tem importância como referência ao Cingeleiro e seu universo rural.



Figura – em 27 julho de 2022 na preparação da Festa da Bênção do Gado, Manuel José Mendes, coordenador do Grupo de Boieiros do MAR treinando a junta de bois no momento em que crianças visitavam o MAR. <https://www.facebook.com/photo/?fbid=5277645315652063&set=pb.100002199397910.-2207520000..>

É nesta atmosfera de estudo com objetivos de salvaguardar os saberes da cultura popular e comunitária que expressamos e representamos que as idas da nossa Técnica Superior, Licenciada Mafalda Luz a diversas instituições escolares e de formação contribuem para irmos tecendo uma abordagem que, face aos objetivos académicos de todos os níveis de ensino se nos configura.

Assim, produzir conhecimento museológico e museográfico como material de apoio aos processos de ensino-aprendizagem, mas, igualmente, transmiti-lo em tempo útil para os principais interessados é o eixo de articulação que tentamos seguir.

As demonstrações realizadas pelos Artesãos acabam por surtir um efeito que molda o futuro de muitas das crianças que têm a oportunidade de frequentar o museu com os seus Professores, Educadores, Famílias.

Essas formas de trabalho museológico em articulação com os produtores de objetos e com os estabelecimentos de ensino também criam conhecimento, porque a exploração do acervo museológico pelos diversos públicos, nomeadamente escolares, gera dinâmicas culturais únicas, autênticas, irrepetíveis. Cada ano letivo é um tempo de novas coisas que acontecem com vantagem para toda a comunidade. Destaque-se aqui o trabalho da Licenciada Filipa Marto que (em 2013-2014) realizou uma série de atividades que muito enriqueceram os nossos Serviços Educativos.



Figura – Filipa Marto com Estudantes na preparação dos adereços de Natal na Sala do Cingeleiro.

De um ponto de vista da integração dos grupos escolares este trabalho serviu de modo exploratório para reforçar as propostas do MAR orientadas a este tipo de públicos escolares mais novos.

Porém, também a integração de Professores e de Educadores acontece amiúde em atividades em que o MAR é parceiro e/ou convidado. Aquando do convite para um seminário sobre acervos documentais e sua utilização nos Serviços Educativos o nosso Centro de Documentação esteve representado.

ENCONTROS DOCUMENTAIS
VILA DE REI
MUSEUS

CONSERVAR E DIVULGAR

10 ABRIL • 14h

BIBLIOTECA MUNICIPAL JOSÉ CARDOSO PIRES

Intervenientes:
Luís Mota Figueira
Escola Superior de Gestão de Tomar - IPT
Leonor Loureiro e Cátia Silva
Laboratório de Conservação e Restauro de Documentos Gráficos - IPT
Mafalda Luz e Filipa Marto
Museu Agrícola dos Riachos - MAR

Inscrições até 4 de Abril:
274 890 000 / lurdes.sequeira@cm-viladerei.pt



    Apoio:  Montepio

Figura - A lógica de integração das vertentes possíveis de educação patrimonial está presente na visão holística defendida e praticada no MAR e o conhecimento partilhado e partilhável nos motiva a essa abordagem.

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=533428536804722&set=pb.100063478332736.-2207520000..>

Desenvolver dinâmicas intergeracionais é outra das orientações seguidas. As demonstrações realizadas pelos Artesãos acabam por surtir um efeito que molda o futuro

APDPHNRR e pelo MAR
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=616630741817834&set=pb.100063478332736.-2207520000..>

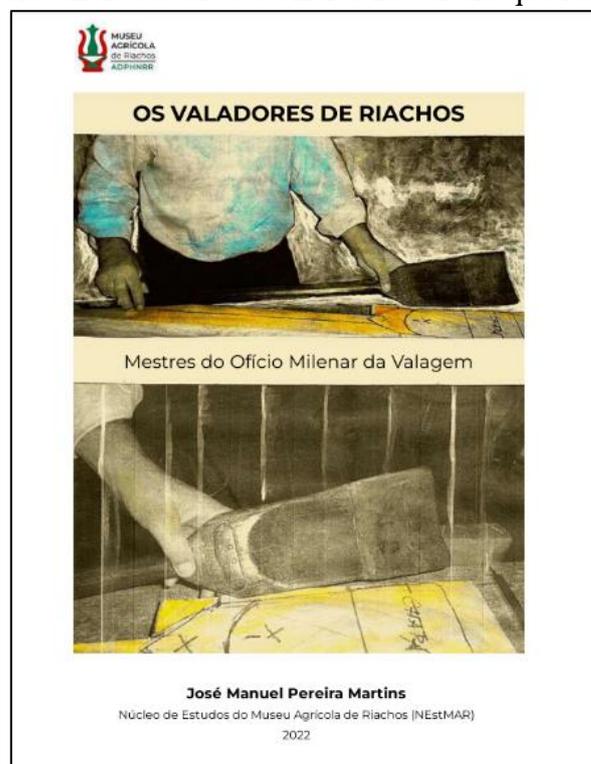
O legado destes grupos é testemunho do que projetaram, realizaram e, eventualmente, do que se atualizará como espero. O seu contributo reúne aprendizagens colaborativas com elevado interesse, sendo, portanto, uma forma eficaz de serviço público na cultura folclórica.

Numa dimensão cultural que se orienta a uma ruralidade vista tanto na sua perspetiva diacrónica e historiográfica, quanto factual e memorial, é presente a necessidade do rigor histórico e, igualmente do olhar sobre o acervo que dá sentido ao MAR .

O trabalho de investigação etnográfica é indicador da tradição de estudos que Joaquim Lopes Santana e tantos outros, felizmente, nos legaram como bases de compreensão sobre a comunidade riachense no mundo, como se poderá comprovar em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/8293/4919> pp.86-88 e em http://www.cda.ipt.pt/download/ebooks/VALADORES_FINAL.pdf pp.156-166 .

Ali encontrar-se-ão referências bibliográficas relevantes para a investigação sobre a componente cultural riachense e sua contextualização no universo global da investigação científica destas temáticas.

Como veremos na Figura seguinte o e-book “*Valadores de Riachos-Mestres do Ofício Milenar da Valagem*”, alojado no CDA-Centro de Arquivo e Documentação do IPT – Instituto Politécnico de Tomar e de acesso público, aguardando oportunidade para com o apoio do Município de Torres Novas ser editado em formato papel representa uma visão integrada sobre a relevância das artes e ofícios na cultura que fomos e que somos.



Esta e outras obras constituem valores de grande utilidade quer bibliográfica, quer do que elas induzem em termos de extensão aos trabalhos de campo, consolidando as investigações que se realizam nos diversos níveis de ensino. Claro que os órgãos de Comunicação Social são meios fundamentais para a divulgação do nosso trabalho. A foto seguinte publicada pela Rádio Hertz de Tomar secunda a cobertura de o Riachense (<http://www.oriachense.pt/>) , do Almonda (<https://oalmonda.net/>), do Torrejano (<http://www.jornaltorrejano.pt/>) e demais jornais e blogues que veiculam o nosso trabalho ...



Figura – Festa da Bênção do Gado com o detalhe do Cingeleiro ser protagonizado pelo Sr. Manuel Mendes (que foi Chefe de Contínuos na Escola Dr. Chora Barroso) <https://radiohertz.pt/torres-novas-festa-da-bencao-do-gado-joga-final-das-7-maravilhas-da-cultura-popular-pedro-ferreira-apela-a-votacao/>

Estabelecer pontes para relacionamento entre gerações, tanto no quotidiano da comunidade, quanto ao nível da hospitalidade prestada aos públicos que nos procuram, é um dos objetivos estratégicos da missão do MAR.

Luís Mota Figueira – Universidade do Minho – 5 maio 2022

Os lugares que mantêm essa ligação comum entre espaço misterioso sacro e profano, revelado, mobiliza as pessoas. A Festa da Bênção do Gado de Riachos, vila da Borda D'Água ribatejana (concelho de Torres Novas) significa duplamente a ligação da cultura tácita com a cultura explícita. Pretende-se refletir sobre o processo de candidatura ao Inventário do Património Imaterial Nacional em curso apresentando-se resultados e “possibilidades/limites” que eles apresentam, na complexa mercantilização da Cultura.

Torna-se fundamental promover a partilha de conhecimentos entre idosos e restante comunidade, fomentando desta forma, por via de projetos, ou de programas intergeracionais, uma dinâmica que leva ao bem-estar físico e psicológico dos idosos e crianças. Rodrigues (2012:78)

DINÂMICAS INTERGERACIONAIS...

Figura – A transmissão dos Valores do trabalho. Diapositivo apresentado na Universidade do Minho-do Congresso Internacional – Festas, Festividades e Comunidades: Património e Sustentabilidade” – 6 de maio de 2022.

Do material aos artefactos: o caso específico do artesanato em bunho

Vivemos num tempo em que a visualidade é definida, quase exclusivamente, pelos canais multimédia e por um modo pós-moderno em que artes e folclore se cruzam e as novas tecnologias culturais geram, por sua vez, novas oportunidades para novas expressões artísticas. Nelas, urbanos, rurais e periurbanos cruzam-se e estabelecem novas formas de ser e de estar. Os objetos que nos rodeiam são cada vez mais sofisticados tecnologicamente, mas, como em todas as épocas da história das artes o que a natureza proporciona e o que o ser humano inventa continuam indelevelmente coniventes.

Por isso, qualquer objeto produzido pelo ser humano comporta, um traço cultural testemunhado pela sua ideação, pelo modo de produção e, com muito interesse prático, pela forma de uso etnográfico, determinando, por isso, três funções associadas a esse traço de humanidade:

- 1- Função prática denunciada pela resposta que cada objeto dá a uma necessidade socialmente sentida. No caso do bunho a produção de esteiras para efeitos de descanso ou na elaboração de contentores para guardar e transportar cereais e outros secos, está declarada pelas formas que cada um desses artefactos apresenta. Na atual sociedade, o resgate destes saberes de produção podem, quando associados a design de pesquisa constituírem-se como motivadores a processos de sustentabilidade ambiental, social e, naturalmente, económica.
- 2- Função estética demonstrada pelo uso das tonalidades naturais do bunho ou dos processos de coloração que os artesãos foram introduzindo para que o aspeto cromático fizesse parte do «belo objeto» sentimento que cada criativo coloca no que faz e quer transmitir como sendo criação única, sua, distintiva. A iconografia popular está repleta de exemplos da inventividade dos criativos que, usando o mesmo tipo de material, lhes aplicam a sua estética pessoal.
- 3- Função simbólica presente com maior ou menor intensidade em muitas criações que, sendo úteis e bonitas, também transportam algo comparável com uma aura simbólica que cada criador de artes e ofícios lhes imprime. Os traçados cruzados e outros tratamentos de formas e de superfícies denotam esta atração do ser humano para o jogo simbólico.

Estas funções no que são os artefactos de bunho característicos de Riachos e com mais evidência na coleção e acervo do MAR estão associadas, essencialmente, ao trabalho de produção de esteiras a partir das memórias que os mais velhos têm do Sr. Manuel de Oliveira, com a alcunha de Manel “Couve”. Tinha o seu telheiro de trabalho na margem direita do Ribeiro logo encostado à ponte e desenvolvia ali o seu labor.

Este Mestre esteireiro, sogro do nosso Artesão e Poeta popular, Manuel Carvalho Simões, «Manel Pé-Leve» passou-lhe o conhecimento sobre esta arte popular. Atualmente, para todos quantos carinhosamente tratam este nosso conterrâneo deste modo o Sr. Manel Pé-Leve é um dos nossos animadores, nomeadamente no que significa a transmitir-nos a sua

experiência de vida e na colaboração, sempre disponível para com o nosso serviço museológico geral e, com muita relevância, na sua prestação nos Serviços Educativos.

Deste modo, a “esteira riachense” (se poderemos considerar este artefacto, deste modo) não sendo diferente de outras congéneres, mas com a marca de ter nascido no Paul do Boquilobo, resulta de um trabalho que, com fibras vegetais ligadas entre si, cria superfícies adequadas para se obter uma espécie de tapete para cobrir e salvaguardar produtos hortícolas e, também, artefacto produzido para descanso ocasional (porque enrolado é de fácil transporte) e, com maior importância para, quando planificado, servir de esteira para se dormir.

Evidentemente que, se um Designer decidir estudar com maior acuidade tanto o material bunho, quanto o seu potencial para desenhar e produzir outros objetos, também se cumpre a missão museológica no contexto da sua motivação à criatividade individual e coletiva. Incentivar a criatividade também é possível e as Escolas sabem realizar esse incentivo.

Atualizar técnicas tradicionais como ensinei e aprendi no CEARTE, <https://cearte.pt/>, aquando da instalação de oficinas pedagógicas similares à do MAR entre 1996 e 2000 contando com o saber das licenciadas em Conservação e Restauro pelo IPT, Manuela Arsénio, Nivalda Gomes e Catarina Azevedo, juntamente com o Mestre Baptista, formado na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, <https://www.fress.pt/>, onde ensinei e aprendi também desde 1988 e até 1997, mostrou-me a importância, decisiva, dos Professores na motivação aos Estudantes.

Nas visitas escolares recebidas no CEARTE em Semide, aprendeu-se, acima de tudo, a centrar as interpretações fornecidas em ajuste com os objetivos dos Professores que nos visitavam com as suas Turmas. Os estudantes que pretendam seguir o mundo das artes e da salvaguarda do património nas modalidades das ciências laboratoriais, ou da museologia e de outros domínios, necessitam, a meu ver, deste tipo de experiência do «ver» e do «sentir». No MAR entendemos que este é um ponto crítico de sucesso.

A «esteira riachense» serviu-me a oportunidade de acentuar esta premissa de trabalho centrado nas características dos Estudantes. Não será demais recordar o excelente trabalho do Professor José Luís Pestana, enquanto coordenador das Oficinas Pedagógicas do MAR. Foi inspirador o seu trabalho e dos Artesãos das mesmas OP tais como Feliciano Dias, José Mendes, Manuel Mendes e muitos outros de que peço desculpa de não mencionar aqui, mas igualmente muito importantes na ligação entre as Escolas e as Atividades ali praticadas.

Neste momento e por razões de saúde do Professor Pestana, avoquei a mim a responsabilidade pela citada coordenação oficial e dentro em breve será determinado um dia de abertura das OP aos públicos que as quiserem frequentar.

As experiências que foram e são vividas no MAR são uma componente educativa relevante e o agradecimento devido a todos, bem como aos clubes de especialidade que o NAR dinamiza em articulação com os nossos Serviços Educativos é um estímulo para continuarmos caminho. No caso do artesanato de bunho, como veremos em demonstração ao vivo o processo é muito simples, económico e durável.

As qualidades de durabilidade da esteira de bunho são muito apreciadas até porque como material natural sem quaisquer processamentos que não seja a secagem natural antes de ser tecida cada caule, apresenta potencial produtivo considerável.

O local de recolha é bem conhecido e a Informação sobre património natural fornecida pelo município de Torres Novas em <https://cm-torresnovas.pt/index.php/visitar-2/natureza?tmpl=component&print=1&page=> é importante no contexto da visita à Reserva Natural do Paul do Boquilobo. O bunho que utilizamos no MAR foi recolhido sob orientação do Sr. Manuel Carvalho Simões, com o acompanhamento do Arquitecto Paisagista e Técnico do ICNF, Fernando Pereira. Essa colaboração tem sido importante.

Património natural

Categoria: Visitar

A natureza oferece-nos múltiplas paisagens, desde a Reserva Natural do Paul do Boquilobo, passando pelo Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, pelas Grutas do Almonda, ou o Monumento Natural das Pegadas dos Dinossauros, entre vários jardins e espaços verdes.



Reserva Natural do Paul do Boquilobo (Reserva da Biosfera)

Coordenadas GPS: 39°24'29.0"N8°31'48.5"W

Centro de Interpretação

Situado a cerca de 7 km da cidade, perto da confluência dos rios Almonda e Tejo, o Paul é uma zona húmida, rica em aves, em particular colónias de garças e anatídeos, e em flora, destacando-se os maciços de salgueiros, plantas aquáticas e caniçais. Este "santuário" natural, classificado como Reserva Natural desde 1980, integra, igualmente, a Rede de Reservas da Biosfera (UNESCO) e a Lista de Zonas Húmidas de Importância Internacional (Convenção de RAMSAR) desde 1981 e 1996, respetivamente.

Morada: Quinta do Paul do Boquilobo, 2350-334 Brogueira
Tel: (+351) 249 820 378 | (+351) 243 306 530

Direção Regional de Conservação da Natureza e Florestas de LVT, Reserva Natural do Paul do Boquilobo, CNEMA - Quinta das Cegonhas, apartado 59, 2001-901 Santarém

Email: rnpb@icnf.pt | dcnflvt@icnf.pt
Link da Reserva Natural do Paul do Boquilobo: www2.icnf.pt/portal/ap/r-nat/mpb
Site da Reserva da Biosfera do Paul do Boquilobo: www.pauldoboquilobo.pt

Figura – Esta ficha é relevante como pista informativa global. Aquando da comemoração dos 42 anos da Reserva foram criteriosamente recolhidos bunhos que fazem parte dos materiais de demonstração que os Serviços Educativos e as Oficinas Pedagógicas utilizam nas animações de artes e ofícios e de ciências da

natureza em conformidade com os eventos promovidos pela CMTN, ADIRN, MAR, ESCOLAS e outros parceiros.

Os museus e os territórios que expressam, tal como é o caso do MAR constituem-se como uma espécie de «lugares de cruzamento ou de interseção». O visual e o literário, o culto e o popular, a mecânica das artes e ofícios e a sofisticação digital encontram-se numa apoteose de práticas apelativas de partilhas de saberes consolidados e motivadores para suscitarem curiosidades e reflexões sobre esses e outros saberes.

O mercado, ao organizar o palco do consumo e ao promover os signos sociais, quase sempre colados a estatutos muito dependentes das capacidades financeiras dos seus consumidores gera discriminação nos acessos à cultura que o mesmo mercado também promove. As Artes e o Artesanato, entre outros domínios de atividade têm um papel de inclusão social e validade comercial.

Nesta dimensão do nosso trabalho, os municípios têm um papel fundamental no preenchimento dessa abordagem inclusiva, promovendo atividades que as suas funções constitucionais lhes cometem. Nesta lógica, o futuro dos museus também depende, e muito, da forma como os Professores e os Eleitos locais, nomeadamente do Poder Local agem dentro do seu compromisso constitucional.

O MAR tem tido no Pelouro da Educação dos municípios com que mais diretamente interage uma relação relevante que a todos interessa. O fomento do turismo cultural e do turismo científico (de natureza, de saúde, de ciência e tecnologia, etc.) posicionam-se como formas de empoderamento das pessoas e das comunidades.

Como já analisado em “*Turismo, Municípios, Cultura e Sociedade - Breve reflexão*”, p. 10, <http://www.cda.ipt.pt/download/ebooks/turismo-municipios-ebook%20%281%29-min.pdf> “*A turistificação planeada do território comporta procedimentos, atende a fatores sensíveis, gera novas energias. Isso acontece na valorização das paisagens, na criação de novos conteúdos de visitação, na procura de soluções de baixo impacto sobre os recursos mais frágeis, no incentivo à educação ambiental e patrimonial, no fomento da criatividade e expressão componente multifacetada.*”

A ligação dos municípios de Torres Novas e da Golegã ao MAR no projeto OPExCATer (http://www.techneart.ipt.pt/pt/observatorio_parque_experimental_de_conhecimento_e_acao_territorial/) e a Freguesia de Riachos e o NAR ao projeto MurArte (http://www.techneart.ipt.pt/pt/documentacao_dos_murais_de_riachos_com_vista_a_sua_preservacao_sustentavel/) concretiza este ideário quer turístico e cultural, quer educativo. O ambiente autárquico é neste aspeto da aplicação das políticas públicas, determinante.

Nesta matéria e se se assumir que as práticas culturais são, sempre, dependentes do trabalho que, a montante a classe Docente nos seus diversos patamares, responsabilidades e competências elabora, desenvolve e oferece à sociedade, estamos falando de atuações que promovem comportamentos e visões críticas que o conhecimento sustenta. Tão só.

Tal como vimos na ficha de património natural, aquele tipo de informação municipal e da tutela sobre a natureza dos territórios é resultado de pesquisas orientadas. A título de exemplo a narrativa sobre a importância do bunho pode ser interdisciplinarmente tratada convocando-se outras disciplinas e saberes tais como a pesquisa documental e a sua

utilização para as narrativas sobre os lugares. Neles, há descobertas a promover entre os participantes.

Um caso de pesquisa histórica entre outros exercícios escolares nesta mesma dimensão da descoberta de «coisas» poder-se-á também focar: o que na cultura popular conhecemos como «Bunhal», era em 1723, designado como Paul de Boquilobo, propriedade dos herdeiros de D. João de Castro, como veremos no fragmento que se assinala seguidamente.

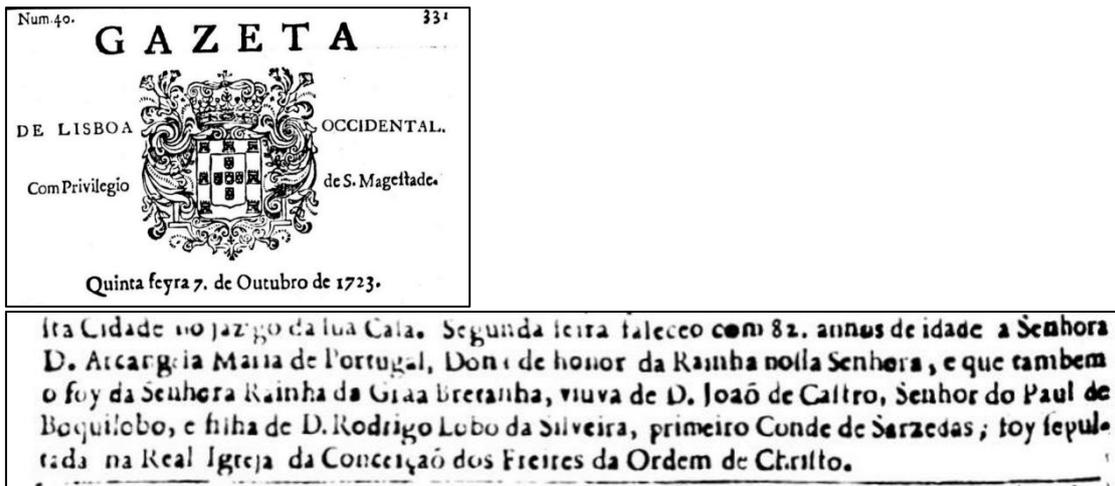


Figura – Paul de Boquilobo referido na Gazeta de Lisboa. Fonte: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/GazetadeLisboa/1723/Outubro/Outubro_master/GazetadeLisboa1723_N40aN43.pdf

Identificar o Paul do Boquilobo com a sua componente histórica significa aderir-se a formas de treinamento de competências para investigação local. No MAR e no seu Centro de Documentação essas tarefas são levadas a cabo e comunicadas no espaço da Rua Dr. José Marques e nos espaços dos Agrupamentos de Escolas e outras entidades onde o lema “*O Museu vai à Escola*” é tratado pelos Serviços Educativos e pelos Professores e Professoras que realizam projetos em cada ano letivo e de acordo com as suas programações. O trabalho de Filipa Marto, como veremos deixou raízes.

Se, porventura, for necessário desenvolver temáticas no espaço interior ou exterior há também a colaboração do NAR que, com os seus clubes de Pintura, Artesanato, de Música, de Poesia, de Culinária, entre outros contribui decisivamente para o apoio educativo e formativo prestado.

A educação pela arte, pela cultura, pelo artesanato e o legado dos que já partiram é constantemente lembrado. As obras que nos legaram fazem parte do acervo geral do MAR. São os testemunhos de uma caminhada realizada com a sociedade que nos rodeia, nos incentiva, nos critica, enfim, nos faz sentir que vale a pena. Sem um Quadro de Pessoal mínimo e sem Financiamento suscetível de compor um Orçamento Anual para as atividades, continuar o legado dos Fundadores do museu requer a abertura de um lugar técnico permanente e com contrato de trabalho. Espero que isso aconteça desde 1994.

Serviços Educativos e Animação Cultural

As inúmeras atividades de animação cultural que o Grupo de Boieiros, o Grupo das Camponeses e o NAR projetam, realizam e atualizam, são formas de aprendizagens colaborativas com elevado interesse e serviço público.

A educação pelas artes e os Projetos das Escolas em parceria com o MAR determinam diversas atividades enquadradas na convivialidade geral que tentamos manter e alimentar.



Figura – uma das ações do NAR - Pintura (2018)

<https://www.facebook.com/photo/?fbid=1635167043171432&set=a-comiss%C3%A3o-diretiva-do-n%C3%BAcleo-de-arte-de-riachos-convida-todos-os-membros-amigos>



Figura – outra das ações - Fado (2019)

<https://www.facebook.com/nucleoarteriachos.nar/photos/pb.100064305144947.-2207520000../2555363297818464/?type=3>



Figura – outra das ações – Música popular (2019)

<https://www.facebook.com/nucleoarteriachos.nar/photos/pb.100064305144947.-2207520000../2555363297818464/?type=3>

Serviços Educativos e temas de trabalho: o Artesanato de Bunho no MAR

Porém, numa atenção centrada no que nos foi solicitado, retomemos a questão do Artesanato em Bunho, tomando contacto com a Esteira de Bunho e o seu Artesão, o Sr. Manuel Carvalho Simões, elemento também fundamental nos nossos Serviços Educativos.



Figura – Escolher o melhor tempo de recolha é importante (Junho de 2022)
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=5145143005568962&set=pb.100002199397910.-2207520000..&type=3>

Como se percebe a qualidade plástica do bunho, tanto em verde como em seco, desde que com o auxílio de alguma humidade, é de grande utilidade no fabrico de artefactos em bunho.



Figura – apanhado o bunho há que gerar uns molhos que, atados a preceito, seguem para o telheiro do Artesão. - <https://www.facebook.com/photo/?fbid=5145144322235497&set=pb.100002199397910.-2207520000..>

Os processos das artes e ofícios são milenarmente repetidos porque são os materiais que determinam a eficácia, a economia e a eficiência que terá cada peça produzida.



Figura – Luís Mota Figueira alimenta cada fiada de bunho já seco (à sombra) para se tecer a esteira. A colocar cada fiada e a movimentar os pesos (pedras calcárias, tijolos ou outros materiais com essa função de esticar o cordel) está a Mafalda Luz que aprendeu a técnica com o Sr. Manuel. O suporte é o bastidor vertical de trabalho que calibra a medida de largura de cada esteira. Esta pode ter o comprimento que for necessário. <https://www.facebook.com/photo/?fbid=5187713371311925&set=pb.100002199397910.-2207520000..> (24 junho 2022)



Figura – Sob apoio da responsável dos Serviços Educativos do MAR, o Vereador do Pelouro da Educação, Joaquim Cabral e outras pessoas experimentaram este tipo de trabalho aquando da comemoração do 42º aniversário da Reserva do Paul do Boquilobo. <https://www.facebook.com/photo/?fbid=5187713557978573&set=pb.100002199397910.-2207520000..>

Estas atividades decorreram sob a orientação do Sr. Manuel Carvalho Simões e com a transmissão deste para todos os que com ele aprendem. Esta “arte”, entretanto, também, foi transmitida a familiares do Sr. Manuel «Couve» como me foi relatado pelo Manuel Lopes do Jornal “O Riachense” ainda hoje...



Figura – Cartaz sobre o 42º aniversário da Reserva Natural do Paul do Boquilobo e a importância de envolvimento de todos os ciclos de educação e de formação, no caso, sob o mote da sustentabilidade ambiental, social, económica e cultural.

Recentemente publiquei o texto “*Museu Agrícola de Riachos: Práticas e Teorias num Museu de Comunidade*”, disponível em <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/8293/4919> onde refiro o seguinte: “No MAR, os Serviços Educativos, revelando lenda e factos históricos, interagem com famílias, escolas e outras organizações, afirmando, com rigor, a “ruralidade-tradicionalidade” e a “neoruralidade-modernidade”, Figueira (2009). A vivência da ruralidade histórica e da agricultura dita «de precisão» fortalecem sentimentos de pertença nas novas e velhas gerações, Hernández e Juan i Tresseras (2001). Enquanto escrevo, o JOR-Jornal “O Riachense”, de 21 de julho, p. 24 refere: “Mesmo sem Festa, imagem do Senhor Jesus dos Lavradores vai estar três dias em Riachos”. Em tempo de pandemia é gesto mobilizador: janelas e varandas de família ostentam colchas à passagem da Imagem esculpida do Senhor Jesus. A sua estética quatrocentista, como avalia Serrão (2012:96), citado por Pereira (2014) é outra nota histórica relevante. Porém, a FBG, ligando Lenda e História, gera ambiente intergeracional, abolindo estatutos socioeconómicos e estrutura-se como «lugar», especial. Este «genius loci» gera, regenera, cria, expande, ganha novos contornos, sustenta futuro e atualiza-se, usando energia do achamento e culto ao Senhor Jesus dos Lavradores e, igualmente, da presença da Irmandade do Menino Deus, Gonçalves (1999). A visão inclusiva e proativa do MAR posiciona-se não exclusivamente nos objetos, mas, antes, no que as pessoas fazem dos artefactos e crenças e como os integram nas suas práticas sociais e religiosas, Figueira (2010). A Lenda, como recurso cultural

é o centro deste compromisso comunitário entre sacro e profano, Barroso (1954), Maria (1985), Gonçalves (1999), Pereira (2014), Martins (2015).”

Como conclusão deste breve percurso descritivo que, espero, tenha sido elucidativo sobre o que penso sobre a importância dos Professores e dos Educadores no contexto do trabalho intergeracional que todas as Escolas pretendem levar a cabo, deixo-vos com o Professor José Luís Pestana e com o Educador Manuel Carvalho Simões numa justa homenagem que lhes pretendo prestar e, em nome deles, a Todas e a Todos quanto nos têm ajudado ao longo destas quase três décadas de trabalho com uma Equipa deveras importante para o crescimento deste nosso museu de comunidade.



Figuras (esquerda) – O Artesão Manuel Carvalho Simões em plena tarefa de produção de uma esteira de bunho nas Oficinas Pedagógicas do MAR (2008); (direita) – O Artesão Manuel Carvalho Simões e o Professor José Luís Pestana, Coordenador das Oficinas Pedagógicas do MAR em ação de ajuste dos pesos e dos cordéis na produção da esteira de bunho (2018)

Muito obrigado e, como digo amiúde... vamos falando...

Riachos e Rua da Bênção do Gado, 7 de setembro de 2022